

A favor dos sem trabalho

O *Rebate* apreciando a crise de trabalho atribua-a às forças-vivas, pois o retraimento da praça desapareceu desde que houve a certeza de que a melhoria cambial não era um bluff. Os negócios voltaram à normalidade. O despedimento de operários obedece, portanto, a factores estranhos à vida económica do país. Aconselha, por isso, o *Rebate* o governo a averiguar quais sejam esses factores e a remediar a situação para evitar males maiores e graves perturbações sociais.

Contudo o mesmo jornal, ainda sem ver a forma de solucionar o problema, entende que dar o Estado trabalho directamente aos operários constitui apenas um expediente. Entende, no entanto, que o Estado lhes deve assistência, querendo que da despesa comparticipem as forças-vivas, que obtiveram lucros fabulosos com as suas especulações.

Todas estas considerações são defensáveis, mas o *Rebate* acrescenta uma afirmação de que não podemos deixar de discordar e é a de que o Estado devrá estabelecer nas localidades do seu baptismo ou nas proximidades os operários sem trabalho. A parte esta ideia do baptismo e tomando-a apenas como querendo indicar a terra de naturalidade, como seria mais próprio num jornal que não é religioso, não podemos concordar com semelhante critério. Se se tratasse apenas da última terra onde o respectivo operário trabalhou mais permanentemente e onde tenha a família, compreendia-se.

Assim não. Há operários que vivem há muitos anos fora das suas terras, e nas localidades onde trabalham têm família. Obrigá-los a deslocarem-se para a terra da sua naturalidade seria um absurdo e mesmo dando-lhes trabalho a sua crise não ficaria resolvida.

Quanto à ideia de que as forças vivas é que incumbem a responsabilidade do agravamento desta situação, estamos de acordo. Mas queríamos ver o *Rebate* tirar todas as conclusões da afirmação que avançou, não esquecendo a de que as fábricas onde o trabalho se paralisa sem dever paralisar, devem ser requisitadas ou mobilizadas conforme os poderes que foram conferidos ao Conselho Económico, a quando a sua constituição. Se o governo dispõe de suficiente energia para enfrentar a situação não deve de maneira nenhuma desprezar este elemento de regularização do trabalho. E cremos bem que não seria preciso deslocar operários para a província ou para os campos os que trabalham nas principais povoações.

O que tudo isto está é a decorrer muito morosamente, como se os desempregados pudessem esperar muito tempo. Isto dá a impressão dum médico a estudar nas constituições o caso dum doente em perigo de morte e a recomendar-lhe que não morra enquanto ele não descobrir a maneira de o salvar.

O chefe do governo faz declarações à U. S. O.

A força armada e o povo, a crise de trabalho e a liberdade de reunião

Uma comissão delegada da União dos Sindicatos Operários de Lisboa procurou ontem o presidente do ministério para transmitir-lhe o protesto daquele organismo operário contra o acatamento pela polícia e pela G. N. R. de operários que andavam nas ruas pedindo pão ou trabalho. Assegurou o presidente do ministério à comissão, que tal facto nunca mais se dará pois já dera ordens terminantes para que se não exercesse violência nem se maltratasse quem quer que fosse acrescentando, porém, que não consentirá proclamações nas ruas seja a que pretexto for.

Os delegados da U. S. O. abordaram depois as questões: crise de trabalho e liberdade de reunião.

Segundo declarou o sr. José Domingues dos Santos, sobre a crise o governo está pondo em prática medidas tendentes a atenuar não só na província como em Lisboa e, quanto a esta cidade colocará todos os operários sem trabalho desde que pela U. S. O. ou pelos sindicatos profissionais lhes seja apresentada a lista de operários, nessas circunstâncias.

A liberdade de reunião—disse—fica desde já assegurada cessando as iníquas proibições ultimamente feitas. Não só imediatamente já dar as suas ordens, nesse sentido como também estava já elaborando um documento em que essa liberdade ficaria consignada sem sofismas.

LEDE E PROPAGAI
O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

A REACÇÃO NO BRASIL O período revolucionário e as reivindicações sociais

Os magnates de São Paulo colocaram-se ao lado de Bernardes para estrangular as aspirações do povo

Rio de Janeiro — Dezembro

Falei em minha última carta do período revolucionário que o Brasil atravessa. Esse período iniciou-se, de facto, com a subida à presidência da república de Artur Bernardes; mas as suas causas são mais remotas, proveem das sucessivas bandalheiras dos políticos, das traficâncias e dos esbanjamentos que se realizam a sombra do regime burguês.

A princípio, a população, estes trinta milhões de indivíduos que povoam o Brasil, supunha que a salvação colectiva estava na ida ao poder de determinado magnate político, tornado, pelas circunstâncias, idolo popular. Mas nos últimos anos, com a forte propaganda das ideias modernas e com o constante abrandamento das instituições, o povo começou a ver que a sua emancipação só se daria com o estrangulamento do regime burguês.

E, assim, se em 1918, José Otília conseguiu reunir dez mil homens para derrubar esse regime, agora, em São Paulo, enquanto o general Dias Lopes dizia que ia depurar as actuais instituições, o povo pedia a revolução social e nesse sentido auxiliou as operações revolucionárias daquele militar.

As liberdades públicas

Evidentemente que nem Dias Lopes nem seus adeptos tinham uma larga visão social, que concordassem inteiramente com as aspirações do povo. Mas em alguma coisa eles iam transigindo e, assim, entre os manifestos revolucionários surgiu um que merecia, pelas ideias que propaga, que dele extraíssem alguns períodos. Sobre liberdades públicas os revolucionários concretizam desta forma, alguns dos seus desejos:

1.º Restabelecer-se a amplitude de todos os direitos individuais consagrados pela Constituição.

2.º Abolir a lei de imprensa, que representa um instrumento coercitivo da liberdade de pensamento e da livre crítica das coisas públicas.

3.º Restabelecer o direito de livre circulação nos Correios das publicações que estudem ou propaguem quaisquer princípios políticos, filosóficos, sociais ou religiosos, abolindo-se todos os decretos, leis, circulares, etc., que embarcem o seu livre trânsito postal, garantido pela Constituição.

4.º Assegurar, de maneira inequívoca, o direito de livre associação e de reunião pública ou privada, hoje abolido de facto sob os mais absurdos pretextos. Em consequência, anular quaisquer leis, decretos ou medidas que constituam impedimentos ao exercício desse direito.

5.º Como complemento inegável ao direito de associação, assegurar-se o direito aos associados de constituírem nos centros de suas actividades profissionais os seus delegados que, facilitando a acção correlativa às necessidades associativas, facultam a orientação do público sobre os actos criminosos daqueles que procuram enriquecer à custa de falsificações, adulterações e monopólios.

6.º Abolir as leis que estabelecem a expulsão de estrangeiros nos pontos que atingem os elementos que vindo para o Brasil prestam-nos o concurso de suas energias físicas no desenvolvimento das riquezas nacionais, não abdicam, nem é humano pretender-se o contrário, do direito de alimentar uma consciência e de propagar os princípios que professarem.

7.º Anular as medidas que foram os trabalhadores a se sujeitarem às fichas policiais para poderem conseguir trabalho nas fábricas e oficinas.

O problema rural

Sobre a agricultura e os indivíduos que a ela dão seus esforços, os revolucionários queriam:

1.º Acabar com o domínio do latifúndio, mantido pela desidia, capricho ou ganância dos grandes proprietários, com sacrifício dos pobres camponeses, que são forçados a se submeterem a condições leoninas para conseguir terras, trabalharem-nas e serem delas despossuados quando as põem em condições de produzir.

2.º Desapropriar todas as terras conservadas inculcas e entregá-las às cooperativas de camponeses, para esse fim constituídas.

3.º Fornecer a essas cooperativas, para lhes assegurar a possibilidade de vida imediata, os instrumentos agrícolas indispensáveis e as sementes necessárias, sob condição de pagamentos parcelados nas épocas das colheitas.

Também sobre o evidente desamparo em que se encontram os trabalhadores em todos os países e muito especialmente aqui, os revolucionários em seu manifesto apresentaram alguns artigos interessantes, de que reproduzimos os principais:

1.º—Simplificar e tornar possível de execução imediata e rigorosa a lei dos acidentes no trabalho, ampliando-a e tornando-a extensiva a todos os ramos da actividade, tanto industrial como comercial e pública.

3.º—Estabelecimento do princípio de que os salários devem corresponder ao nível do custo da vida e da concessão de uma determinada quota nos lucros anuais.

6.º—Concessão do direito de três meses de ordenado aos empregados no comércio no caso de serem dispensados, bem como assegurar-lhes uma percentagem nos lucros líquidos anuais das casas em que trabalham.

8.º—Proibição de maneira positiva da exploração do trabalho das crianças, impe-

dindo o emprego de menores de 14 anos.

9.º—Estabelecer a equiparação dos salários das mulheres aos dos homens, desde que haja equivalência de trabalho.

10.º—Proibir que sejam empregadas mulheres nos trabalhos nocturnos, a não ser nos serviços de assistência.

11.º—Assegurar às mulheres o direito do repouso remunerado, no período delicado da gravidez e após o parto, assim como o direito do tempo para a amamentação, sem prejuízo dos seus ganhos.

13.º—Generalisar o horário de 8 horas, que, ao contrário do que interessadamente afirmam proprietários gananciosos, não embaraça o desenvolvimento da produção, isto acontecendo apenas em consequência dos manejos de monopolizadores e stockistas, que regularizam a produção, não de acordo com as necessidades do consumo, mas sim de conformidade com as suas ambições.

O protesto dos magnates paulistas

Também sobre o ensino e sobre a justiça, esse manifesto apresentava alguns pontos de vista curiosos.

1.º—Logo que os grandes magnates de S. Paulo—Matarazzo, Gamba e outros—soubessem que a maioria dos revolucionários se propunham pôr em prática as ideias expostas naquele manifesto, colocaram-se ao lado de Bernardes e seus seguidores.

2.º—Assim, a Associação Comercial de S. Paulo de acordo com o famigerado arcebispo Leopoldo Duarte, desenvolveu uma hipocrita actividade a favor do que ela chamava «a paz, a tranquilidade da família paulista», mas que não era senão o desejo de ver vencidos os revolucionários e com estes os princípios novos que podiam vir a ser postos em prática.

Felizmente que o período revolucionário ainda não acabou e nem Gamba nem Matarazzo, nem Bernardes, nem Aroeira, podem ainda cantar vitória! Que Bernardes não leva ao fim o seu fatídico quatriénio, sabe-o ele e todos os seus cortejos, que vão aproveitando este período agitado para tratarem de si... Nem que em cada prédio do Brasil o sinistro presidente levantasse uma prisão, conseguia sufocar os anseios de liberdade que agora vibram no coração desse grande povo. Bernardes está a brincar com o fogo.

3.º—Mas a sua negra reacção, uma outra reacção se levanta—mas com outra cor...—C.

BERLIM, 8.—Receberam-se nesta cidade um telegrama de New-York dizendo que o estado de sítio foi novamente proclamado nos Estados de São Paulo, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em consequência dum nova agitação revolucionária.—(L.)

BANDOS PRECATÓRIOS, NÃO! MANIFESTAÇÕES ALTIVAS E DIGNIFICANTES, SIM!

Nestes últimos dias, acossados pelas necessidades, organizaram-se algumas manifestações de operários que percorreram as ruas de Lisboa. Essas manifestações teriam o nosso apoio incondicional se tivessem a caracterização de uma altivez que se impuzesse aos olhos da burguesia, única culpada da triste situação em que o operariado se encontra.

Porém, alguns indivíduos aproveitaram-se da presença dessa multidão operária em plena rua para a conduzi-la a uma situação humilhante para o verdadeiro operário apto a trabalhar. Esses indivíduos começaram a pedir esmola, fazendo bandos precatórios, transformando assim uma manifestação de altivez e dignidade, numa manifestação de humilhação e de subversão.

São essas esmolas que se recolhem uma infima parcela que não remedia a situação desesperada dos manifestantes e constituem uma fonte de desmoralização que convém extinguir desde já, para que mais tarde a multidão de operários sem trabalho, em vez de possuir as qualidades morais de energia e dignidade para reclamar o trabalho digno e honroso que lhe dá o pão de cada dia, não ofereça o espectáculo degradante dum grande grupo de escravos mendigando dos amos a esmola de uma coêda que, pelo trabalho, orgulhosamente poderia conquistar.

Vários militantes da construção civil, quando há dias a multidão de desempregados, depois de percorrer as ruas de Lisboa esmolando, veio à C. O. T., nos breves discursos que proferiram condenaram, e com razão, a humilhação do bando precatório. As palavras desses militantes caíram tam bem no ânimo dos ouvintes, correspondendo à ansia de dignidade que os sem trabalho possuem, que os manifestantes resolveram não se aproveitar das esmolas recebidas, fazendo-as reverter a favor dos presos por questões sociais.

E' preciso que as manifestações colectivas em vez de revestirem um carácter humilhante que a Organização Operária não pode perfiar, possuam antes um cunho de energia dignificante que mereça a solidariedade do operariado consciente de todo o país.

O INQUÉRITO DE "A BATALHA" Tudo por fazer e tudo a desmorrar-se!

Prova-se à evidência que não há razão para existir crise de trabalho

Novamente voltamos a insistir com os sindicatos que até à data ainda não responderam ao nosso inquérito. Infelizmente são ainda numerosas as respostas que faltam. A continuar o mutismo alguns sindicatos o inquérito fracassará, isto é, não ficará completo. E' de esperar que este apêlo seja ouvido e as respostas venham com a necessária urgência.

Santo Amaro da Fronteira

Como na freguesia de Santo Amaro da Fronteira não existe nenhum sindicato, é um nosso leitor quem se incumbiu da seguinte resposta:

Trabalhos por conta do Estado:

Construção duma linha férrea de Portalegre a Extremoz que passe por esta localidade.

Trabalhos por conta do Município:

1.º Conclusão dos 3.500 metros da estrada que vem de Souz e cujos trabalhos se encontram paralisados há 15 ou 20 anos.

2.º Conclusão dos 300 metros que faltam da estrada que vem de Fronteira a esta localidade.

3.º Construção de 2 fornos para cozer pães que são necessários para evitar explorações.

4.º Construção dum tanque e dum char-fariz.

5.º Edificação duma escola primária para ambos os sexos.

6.º Conclusão dum estrada que vem do fundo da aldeia ao largo das Telheiras, cujos trabalhos se encontram paralisados há 8 anos.

7.º Expropriação de terrenos para a construção de habitações.

Trabalhos agrícolas:

Existem nesta localidade 21 herdades, sendo 11 da casa do marquês da Praia e de Monforte, as quais se fossem aproveitadas dariam uma grande produção de agrícola.

2.º Fazer um desbaste nas 3.000 árvores de azinho e sobre do qual daria cerca de 7.000 sacas de carvão de 60 quilos cada.

Rurais de Serpa

E' do seguinte teor a resposta que nos enviou o sindicato dos trabalhadores rurais de Serpa:

Trabalhos por conta do Estado:

1.º—Exigir dos empreiteiros da construção de dois dos lotes da linha férrea da estação de Serpa-Brinches a Serpa a admissão de todo o pessoal rural desta localidade de que se encontra sem trabalho, os quais

se negam a conceder-lho, queixando-se de falta de verba.

2.º—Que os restantes lotes da mesma linha férrea sejam entregues por meio de tarefas operárias à Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Serpa.

3.º—Reparação de 11 quilómetros de estrada de macadam de Serpa a Brinches.

4.º—Reparação de 5 quilómetros de estrada de macadam de Serpa a São Brás.

5.º—Conclusão da escola, cujos trabalhos foram paralisados por falta de verba.

Trabalhos por conta do Município:

1.º—Construção de um bairro no sítio da feira cujo terreno pertence quasi todo à Câmara.

2.º—Construção de 3 lavadouros.

3.º—Conclusão das obras de água de abastecimento à povoação para as quais só falta a canalização.

Trabalhos por conta de particulares:

1.º—Que a Câmara exija dos proprietários dos prédios inabitáveis por ameaçarem ruína, que os mesmos sejam devidamente reparados.

Trabalhos agrícolas:

1.º—Há centenas de hectares de terras amatagadas as quais produziriam muito trigo se fossem cultivadas, havendo quasi igual porção de terra limpa por cultivar, o que é um verdadeiro crime. Assim se debelaria a crise enorme na classe rural.

Tomar

Do Núcleo da Juventude Sindicalista de Tomar recebemos uma resposta concebida nos seguintes termos:

Trabalhos por conta do Estado:

1.º—Reparação das estradas de macadam de Tomar a Ferreira do Zezere, de Tomar a Vila Nova de Ourem e de Tomar a estação de Paialvo que estão intransitáveis.

2.º—Construção dum edifício para a escola industrial Jacome Raton de Tomar que há bastante tempo se encontra projectado.

Trabalhos por conta do Município:

1.º—Construção do ramal do caminho de ferro da Lamarosa a Tomar que se encontra já projectado.

SAI OU FICA?

Ferreira do Amaral agarrado à posta com unhas e dentes

As ideias originais do comandante da polícia—As suas gracinhas, as suas expressões e os seus conceitos

Ferreira do Amaral está pouco disposto a largar a pasta do Governo Civil. Agora, na iminência de ser posto na rua, declara ao jornal das «forças-vivas»—onde conta fundas simpatias—que nada sabe acerca da sua demissão. Não há pior surdo do que aquele que não quer ouvir—e o sr. Ferreira do Amaral é surdo por sua autoridade vintade. Sabe há muito que não o suportam, mas vai-se deixando estar. Ele está na situação daquelas visitas insolentes que compreendem que o dono da casa inventa todos os pretextos delicados para pô-las no chão da rua, mas fazem-se cegas, fingem não compreender—e vão-se deixando ficar até à hora de jantar ou até à hora em que o dono da casa perca a paciência e as corra a pontapé.

Ferreira do Amaral encontra sempre quem o aplauda e o apoie. Primitivamente era a *Epoca*, agora juntou-se-lhe o *Século*. Não é para admirar esta simpatia do *Século*, visto que o comandante da polícia na entrevista que ontem lhe concedeu, nomeou todos os ladrões e carteiristas que havia em Lisboa, excepto os das forças económicas...

Criou este grotesco chefe da polícia de Lisboa, fante de valente e de providência da ordem pública. Nasceu também a lenda de que não se atiram bombas em Lisboa porque os bombeiros têm medo de o fazer zangar... E, entretanto, elas têm rebentado durante o tempo que ele tem exercido as suas famosas funções de polícia, com a mesma naturalidade e frequência com que estalavam durante a vigência de outros comandantes.

Os seus conceitos não deixam de ter piada. Ferreira do Amaral é um tipo—um grande tipo. Fala mal como quasi todos os caserneiros e permite-se vir a público—como ontem aconteceu na malfadada entrevista do *Século*—dizer que o povo de Lisboa é mal-crinado e obscuro. Até teve uma ideia—que ele às vezes também tem ideias e bem originais. Lembrou a conveniência de se fazerem nas ruas e praças públicas constantes comícios, aconselhando o povo a ser melhor educado. Esqueceu, é claro, o sr. Amaral de que já disse publicamente, num discurso célebre que a polícia só servia com licença dos leitores para dar porrada e levar porrada.

O seu calado favorito: «a ordem é arrear» e outras expressões um pouco mais delicadas que não podemos gravar nestas colunas, indicam que os comícios de moral deviam ser feitos no gabinete do comandante da polícia, quando este estivesse presente.

O jornalista que o entrevistou fez a extraordinária descoberta de que Lisboa inteira deseja que tam «simpática» autoridade se conservasse eternamente no seu posto.

Compreendemos que um jornalista tenha, por vezes, de cumprir ingratas missões profissionais, como essa de entrevistar o sr. Ferreira do Amaral, o que não achamos necessário é que se ponha de cócoras ante os entrevistados, por mais raros e exóticos que eles sejam.

Este Ferreira do Amaral é dum cômico infinito. E o que tem mais graça é que ele convenen-se de que toda a gente o admira. Se não tivesse às costas todos os crimes que a polícia tem praticado nestes últimos tempos, nós gostaríamos até que ele se conservasse no Governo Civil, como num circo, para nos distrairmos de quando em vez das amarguras da vida...

O pior é o dono da casa estar já impaciente com a sua visita. Não sabemos se o sr. José Domingues dos Santos o deixará demorar-se até à hora do jantar ou terá de cumprimentá-lo respeitosamente e conduzi-lo à porta da rua...

E' preciso cuidado com os intrusos

Há operários que julgam que, pelo facto de não exercerem cargos na organização sindical a que pertencem, não têm por isso responsabilidades perante a mesma organização. Julgam mal. O simples sindicato tem também, por sua vez, deveres a cumprir—os deveres que lhe grangeiam depois todos os direitos a fazer vingar. Um dos deveres é o de vigiar, de fiscalizar com atenção a vida do sindicato a que pertence lutando porque ele tenha uma vida moral impecável, que se imponha perante a desmoralização do inimigo comum: o capitalismo.

Para que o sindicato consiga manter essa linha de conduta impecável, é preciso que os seus membros sejam criaturas de bem, e não uma amálgama de indivíduos de interesses opostos e inconciliáveis. Por isso o patronato não deve ter entrada nos sindicatos operários.

Um indivíduo não pode filiar-se numa associação profissional sem que seja proposto por um ou dois sócios. Estes, no seu próprio interesse, devem defender o seu sindicato dos arrivistas, cujas vidas se desconhecem e de cujas intenções se pode duvidar.

Quasi sempre, em ocasiões como esta que se atravessa agora com a crise, surge uma multidão de indivíduos a querer sindicalizar-se e entre ela vêm por vezes de mistura certos indivíduos que, não sendo operários, querem, entretanto, dar entrada nos sindicatos na mira de obter lugares mais rendosos, roubando os lugares aos verdadeiros profissionais necessitados.

Compete aos associados antigos não asinarem as propostas a quaisquer indivíduos sem verificar previamente se eles são de confiança e realmente profissionais da indústria que dizem conhecer. Este cuidado deve haver para salvaguardar os interesses dos autênticos operários que, tendo gasto longos anos em aprendizagens por vezes difíceis, mais direito têm do que os não profissionais a ocupar os lugares que por ventura surjam.

A's vezes, quando uma associação obtém uma regalia de vulto para os seus associados, aparecem muitas pessoas a querer sindicalizar-se na mira de usufruir essa regalia que não têm direito. A moralização nas filiações está nas mãos dos associados antigos. Estes que não assinem propostas a ilustres desconhecidos a fim de salvaguardar os interesses da classe a que pertencem e preservar a associação das investidas dos intrusos.

Um novo "raid" aéreo?

Informam-nos que dois oficiais aviadores projectam um novo «raid» aéreo entre Lisboa e a Guiné portuguesa.

Não levamos a mal, o desejo desses oficiais em ir ariscar a sua vida e gastar bastante dinheiro numa viagem que de certo modo cairá no agrado do público que sempre gostou do que era grandioso e ariscado embora o feito que a entusiasmo não tenha nenhum objectivo útil e humanitário.

Mas se na verdade há por aí, pessoas que desprezando a própria vida e a tranquilidade de em que vivem, anseiam por utilizar as suas energias, porque razão não são empregados todos os esforços, essa vontade de sacrifício, esse dinheiro no estudo e formação de linhas comerciais aéreas, cuja utilidade é incontestável?

Carticeiros de Portalegre

Informação da Arcada:

O senador sr. Procopio de Freitas conferenciou novamente com o ministro do Trabalho, acerca da grande crise de trabalho que está sofrendo o operariado da classe corticeira em Portalegre. O dr. sr. João de Deus Ramos disse que tem tido já sobre o assunto várias conferências com os respectivos industriais, representantes da Federação Corticeira e com o presidente da secção de cortiças da Associação Industrial acrescentando que também realizou uma conferência em conjunto com os industriais, e os representantes da Federação, e dessa conferência ficou assente que no prazo de oito dias lhe dariam uma resposta sobre uns quesitos propostos, no sentido de serem reabertas as fábricas depois de prévio acordo. Disse mais que seria conveniente que o respectivo governador civil informasse das possibilidades do aproveitamento do pessoal que se encontra sem trabalho.

CULTURA PROLETÁRIA

AS UNIVERSIDADES POPULARES

O proletariado deve frequentar as para adquirir a cultura que é indispensável à consecução das suas aspirações

A luta contra a burguesia e contra o Estado é uma luta constante de energias e de consciência; por meio dela o operário como indivíduo e como classe, ganha uma consciência enorme, na sua força, na sua ação. Em sindicalismo ou antes nas organizações baseadas na luta de classes, a educação que se faz por meio da luta é importantíssima.

Mentiríamos, porém, se dissessemos que essa educação bastava, que ela era tudo para a cultura, para o espírito dos trabalhadores. Outra educação é necessária, é mesmo indispensável: é a que se faz nas universidades — nas universidades populares, bem entendido.

A vida humana — diz um pedagogo — é uma luta constante entre a animalidade que forma o fundo do nosso ser, e a espiritualidade que tende a elevá-lo, cada vez para mais alto. O operário para se dignificar precisa de realizar, dentro de si, uma obra profunda de educação. Digam-se as coisas, sem rodeios, pelos seus nomes: o operário possui já um *instinto* social bastante desenvolvido; precisa agora de adquirir uma *consciência* social, capaz de o fazer caminhar na vida, sem hesitações e sem erros. A conduta individual ou colectiva nunca deve obedecer simplesmente ao instinto, ainda que ele seja maravilhosamente desenvolvido.

A educação, criando consciências, cria revoltas. Adquirindo-se cultura, sentem-se necessidades de toda a ordem que é preciso satisfazer, sob pena de grandes sofrimentos. E não é na vida sem conforto, na vida feita cotidianamente de privações e de misérias, privações que vêm desde o nascimento, misérias que são de sempre, que se sentem as necessidades capazes de dignificar a vida. Triste verdade encerra aquela frase que diz ser o homem o único animal que a tudo se habitua. Ora o operariado está habituado à miséria — doloroso é confessá-lo.

Não osamos afirmar que está completamente habituado à miséria. Se tal facto se desse, não se teriam presenciado tão belos movimentos como os que se têm realizado neste país e ainda não se teria assistido ao consolador espectáculo de grandes massas proletárias vitoriosamente entusiasmadas, grandes e nobres aspirações humanas. O que caracteriza as lutas de hoje das de ontem é a consciência que nelas se verifica. Ontem, via-se um rebanho de escravos, cobertos de ignorância e de farrapos, clamando pelas estradas ou pelas cidades, seus espantosos sofrimentos, sua espantosa miséria. As vezes davam-se revoltas. Mas, as revoltas em que havia a fome, só a fome, liquidavam-se com algumas códeas de pão e a distribuição teatral e humanitária de alguns milhares de sôpas ou de tijelas de caldo.

O operariado do Porto e de Coimbra organizam instituições de ensino popular universitário

As revoltas de hoje já não se acalmam com sôpas ou tijelas de caldo. Não são já revoltas feitas só de miséria, não são só revoltas de estômagos. São também as consciências que se determinam, consciências que não pactuam com iniquidades. Por isso essas revoltas nunca se extinguem e marcham num perpétuo crescendo. A questão social é uma questão vastíssima que transforma todos os países, o mundo inteiro, num campo de batalha, no maior dos campos de batalha. Nesse campo de batalha, os combates sucedem-se; cessam um para dar lugar a outros. A paz nunca se faz, acordos definitivos nunca se realizam. A luta prossegue sempre até que um dos contendores, não seja, como classe, completamente aniquilado. Uma luta dessa natureza, com tal extensão, só foi, só é possível pela *consciência* nela existente.

Essa luta faz sentir ao operariado a necessidade de se educar. Correspondendo a essa necessidade, existem já algumas Universidades Populares. Em Lisboa há uma que tem secções em vários sindicatos, que tornou a sua acção educativa extensiva ao Barreiro e em Setúbal.

Em Coimbra fundou-se uma instituição idêntica, recentemente. No Porto está outra em organização.

Importa agora, que o proletariado e, em especial, a sua parte mais jovem, se frequente. Frequentando-as não só lucra espiritualmente, como afirma perante os seus tradicionais inimigos, o seu desejo veemente de libertação.

Teatrinho Juvénia

A propósito de uma notícia publicada há dias recebemos a seguinte carta do sr. César Porto, director da Escola Oficina n.º 1:

Sr. director de «A Batalha».—Só ontem me chamaram a atenção para um pequeno artigo sobre o Teatrinho Juvénia, publicado em 6 do corrente no seu bem dirigido diário. Afirma-se ali que o Juvénia é obra de Araújo Pereira—que para ele concorreu largamente, sem dúvida, pelas suas indicações de competente e pelo valioso auxílio económico de alguns seus amigos dedicados; mas a verdade é que aquele Teatrinho está debaixo da direcção da Escola Oficina n.º 2 e pertence por conseguinte à Sociedade Promotora de Escolas. Em benefício dos alunos desta, e muito particularmente dos da escola n.º 2, que reverterem os lucros líquidos, deduzidos vários desdobros, sendo certo que o grupo educativo daquele distinto ensaiador propôs há dias à direcção das Escolas-Oficinas o convite de que fala o seu artigo, que parece equitativo e aceitável para ambas as partes que sejam contratantes, porém não precisamente nos termos que vêm mencionados. Houve em vista o rendimento possível, dado que os assinantes do Juvénia têm vantagem quanto aos preços; mas de facto só com descontos de quasi mais 30 por cento, em prejuizo das escolas, se atingiria a quantia indicada como sendo o alheio normal.

Esperando que me desculpe a intervenção, peço-lhe sr. director, considere muito obrigado pelo espaço que lhe tira com a publicação destas linhas, o seu verdadeiro dedicado—César Porto

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

O importante comício de domingo promovido pela U. S. O. de Lisboa

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa conforme resolução do seu conselho de delegados e prosseguindo no estudo que se propôs realizar para o debelamento da actual crise de trabalho, promove no próximo domingo um comício, em que apresentará um documento consubstanciado nas respostas obtidas dos sindicatos de Lisboa sobre o problema.

Na segunda-feira, ao meio dia, segundo as resoluções tomadas, deverá o operariado paralisar o trabalho, a fim de acompanhar a comissão que vai entregar ao governo as reclamações aprovadas pelo operariado de Lisboa.

As resoluções do Conselho de Delegados

Como «A Batalha» ontem noticiou, o conselho de delegados da U. S. O., ocupou-se largamente da crise de trabalho.

Após prolongada discussão, na qual tomaram parte todos os delegados foi aprovada uma moção que veio publicada ontem em «A Batalha» e a seguinte moção do camarada Amadeu de Moura:

«Considerando que a crise de trabalho se tem agravado cada vez mais;

Considerando que é de absoluta necessidade que a U. S. O. desenvolva a maior propaganda possível a fim de se preparar o espírito dos trabalhadores para um grande movimento de protesto; proponho:

Que se realize na sede da U. S. O., sessões de propaganda e comícios públicos sempre que se julgue conveniente».

Também se deliberou que os delegados da União à C. G. T. levantassem ali este caso para ser levado a efeito um movimento de carácter nacional.

Nomeou-se uma comissão composta por Rozendo Viana, Saraiva de Aguiar e Eugénio Inácio para ir junto do governo significar o seu veemente protesto contra a selvageria da guarda republicana e polícia exercida sobre os operários sem trabalho.

Resoluções dos corticeiros de Belém

Os operários corticeiros de Belém reuniram no seu Sindicato, para mais uma vez apreciar a crise de trabalho.

Foi largamente discutido o assunto, resolvendo que os corticeiros empregados auxiliem os sem trabalho e que a classe vá até onde as circunstâncias o permitam para que o governo dê andamento às reclamações apresentadas sobre desenvolvimento da indústria.

Protestou contra a baixa de salários e resolveu que todos os sindicatos instalados na mesma sede reúnam hoje, às 18 horas, para levar a efeito uma sessão ou comício público para tratar do assunto.

CONFERÊNCIAS

Os anarquistas e a Revolução

Sob este tema realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Único Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º (antigo 204), uma conferência por Manuel Joaquim de Sousa.

O que os novos podem fazer

Na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, realiza hoje, às 21 horas, sob o tema «O que os novos podem fazer», uma conferência o professor Emílio Costa.

Aos jovens convém não faltar a esta conferência, pois a eles especialmente interessa.

Grémio Excursionista Civil do Monte

O sr. Martins Santarém realizou ontem a terceira de uma série de conferências. «A frente única liberal-social» era o tema. Analisando a situação dos partidos políticos e organizações operárias de diversas tendências, criticou a luta que entre si mantêm procurando anular as iniciativas que cada uma toma em vez de se auxiliarem mutuamente.

Liberais há-os em todos os partidos, exercendo uma acção com a qual os sociais são simpatizantes, assim como há burgueses dedicados à questão social cuja propaganda tem aproveitado à ilustração das classes operárias nas suas reivindicações.

Não é possível fusão das agrupações de tendência e a acção diferente como são os partidos socialista e comunista, como é erro pensar qualquer destes partidos em absorver a Confederação Geral do Trabalho, mas o que é possível é respeitarem-se mutuamente e colaborarem todos tacitamente, na obra de evolução indispensável à preparação da Revolução Social, cuja eclosão é por enquanto impossível, dado o atraso mental das classes trabalhadoras.

Educar o povo é a missão dos homens e organizações liberais e sociais, e essa educação não pode ser só de palavras, mas, sobretudo, de exemplos de sã moral.

INDÚSTRIA TEXTIL

Vão ser reduzidos os direitos de importação das matérias primas

Informam-nos da Arcada que foi ontem à assinatura presidencial um decreto redigido sobre o parecer da comissão técnica aduaneira, reduzindo consideravelmente os direitos que incidem sobre matérias primas destinadas à indústria textil, no sentido de atenuar a crise que aquela indústria está atravessando.

Eden Teatro

(Telefone Norte 280)

HOJE: Ante-prémiatua representação

IRREVOCÁVEL

A Deslumbrante e engraçadíssima magia

O BOLO-REI

AMPLIADA COM O QUADRO

A COVA DO LADRÃO

Na próxima semana:

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

original de

ascensão

BARBOS

em 2 actos

em 17 quadros

PIC-NIC

BIBLIOTÉCA DE INSTRUÇÃO
2
PROFISSIONAL

de superficies e volumes. Calculos de pèse

etc., por HENRIQUE FRANCEN DA SILVEIRA,
1 volume de 232 páginas, encadernado em

Galvanoplastia 13.900

da lina de electrólise. Cobreação. Zincagem.
Latonização. Niquelagem. Prateadura. Dopa-
dura. Estanhagem. Pinturas.

1 volume de 400 páginas, encadernado em

percalina 18\$00

Motores de explosão

Resumo histórico. Ideia geral sobre o funcionamento dos motores. Motores de explosão sem compressão e com compressão. Comparação entre as máquinas de combustão interna e as de vapor. Combustíveis. Gaseógenos de injeção e de ar por meio de injectores de vapor. Grupo de gaseógenos de alta pressão, por ventilador e de alta pressão. Gaseógenos de aspiração e de destilação à vertida. Descrição de alguns detalhes dos gaseógenos. Gás e óleos, minérios, álcool, petróleo. Carburadores. Lubrificação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Aparelhos auxiliares. Descrição de tipos de motores de explosão. Máquinas de motores de explosão interna. Diesel e semi-Diesel.

e conservação dos motores, por ANTONIO MENDES BARATA.

1 volume de 450 páginas, encadernado em percalina 2090

Navegante

Sinais, marítimos; fofolagem e balizagem, transmissão de mensagens e avisos marítimos e regras para evitar abalroamentos. Sinais marítimos e assistência. Noções sobre o estudo do navio; estabilidade, balanço, lastro, carregamento e estiva, velocidade e consumo de carvão, arqueação e avaliação dos navios de comércio. Meteorologia, perturbações atmosféricas, correntes marítimas, previsão do tempo e noções sobre mares, etc. por GUILLERME IVENS FERREZ.

1 volume de 308 páginas, encadernado em percalina..... 16\$50

Pilagem Navegação costeira. Navegação estimada. Navegação ortodrômica. Cosmografia. Navegação astroabômica. Regulação e rectificação de instrumentos náuticos. Reconhecimento hidrográfico, etc., por GUILHERME IVENS FERRAZ.

1 volume de 360 páginas, encadernado em percalina. 16\$00

Diversas indústrias

Indústria alimentar

1 volume de 190 páginas, encadernado em percalina. 12\$00

nação do vidro fino. Acabamentos e ornamentação. Vidraça e fabricação de grande

chepas de vidro. Diversas qualidades de vidro, Vidros e objectos de fabrico especial etc., por JOSÉ MÍNIA DE CAMPOS MELO.
1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina. 42\$00

ASSINEM Os mistérios do Povo

livros devem ser feitos por meio de
será enviada a importância res-
pondente custo do porte de correio

Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas
quilos, 7\$00.

angue é que regava a tua cruz de pau
teu suplicio, ó mancebo de Nazaré
Jesus, operário carpinteiro! o amigo do

...nossa avó Genoveva viu morrer en-
ciado pelos príncipes dos sacerdotes
mente vestidos como esses bispos!
...patrão Eidiol, não ouve o canto de
os órgãos portáteis? os clarins soam
se redobram os toques. O rei, a filha

ram debaixo do portal da basílica; do
sai fumo! levantam-se e abaixam-se
balsamado sobe para o céu!
mo são esses sacerdotes de Roma! ex-
incensaram o pai de Karl o Grande
raça de Clovis! e hoje incensaram Ro-

assassine, Rolf o sacrilego!
s, patrão Eidiol! disse Rustico o Ale
tes consagrariam Satanás, se Sataná
so.

umptuosa basílica de Ruão pelo arcebispo de Shigna e de Gaelo, pôs-se a importá-las com semelhante benção abençoada por este prelado; a cereja terminada, quando Ghisela, sucumbiu ao enfraquecimento igual aos que a tinham

te a cerimônia, foi levada em braços por Rolf, Karl-o-Tolo, o conde de Paris. Os séquito dirigiram-se à imensa sala do bispo de Ruão. Karl-o-Tolo, levando a coroa de ouro dos reis francos, na mão esquerda o comprido manto real, sobre

estrado com a elevação de alguns de Karl e também em pé, estão o arcebispo e os bispos das dióceses convisinhas. Karl, está Roth-berto, conde de Paris, bem como os condes e viscondes de Montlhéry de Argenteuil de Pontor...

es francos, entre os quais se distinguem

A BATALHA

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo Público

O aumento dos vencimentos aos funcionários do Congresso da República

A maneira verdadeiramente habilidosa como se aumentou os vencimentos dos funcionários do Congresso da República, longe de passar despercebida ao restante funcionalismo a quem, de perto interessa, veio despertar o seu letargico e terrivelmente prejudicial sono que há tempos tinha mergulhado.

Por toda a parte e em todas as classes se nota, a par duma azáfama extraordinária, o descontentamento e a revolta que uma tão flagrante desigualdade de tratamento veio provocar. Não bastavam aquelas que já existiam e aqui temos enumerado, para satisfazer a vaidade tola e idiota dos que dispõem dos dinheiros públicos como coisa sua; era preciso mais e muito mais, e assim, sem um argumento que o justifique ou uma razão que se aceite, vá de modificar as designações, para com essa mudança e contra todas as praxes e costumes se criar uma situação de privilégio e destaque a criaturas que, como funcionários do Estado, não devem nem podem ter mais direitos ou regalias que os restantes funcionários.

Em prol da igualdade de vencimentos, uma luta ingente e titânica nos últimos tempos se tem estabelecido, entre o critério vago e retrogrado dos homens da governação pública e dois dos sindicatos existentes: renhido, acido e aspero por vezes tem sido o embate e, se nem tudo se tem conseguido, também, porém, nem tudo se tem perdido, pois que, apesar da má vontade de meia dúzia de indivíduos que no parlamento têm assento, sem que se saba bem porquê, a moralidade tem triunfado um pouco.

Por vezes, quando da discussão de qualquer aumento a conceder ao funcionalismo, alguns dos citados indivíduos têm pretendido desinvelar o quasi nada que já se conseguiu, mas nunca como agora o aproveitamento foi tão longo, pois que das restantes vezes, sempre que qualquer tentativa se esboçava, saíam-lhe ao encontro os clamores daqueles que mais mal pagos andam e que mais trabalho dispendem, mas o que então lhe era dificultoso tornou-se-lhe agora fácil e sem que ninguém o esperasse surge nas colunas de *O Diário do Governo* o prêmio de consolação que a laia de representante a Comissão Executiva quiz distribuir aos seus apunhaçados; prêmio que vexa e humilha as restantes classes do funcionalismo.

Não é contra os funcionários que foram beneficiados, que a revolta surda se manifesta, pois que eles como os restantes serventários do Estado de forma alguma conseguem viver com os míseros vencimentos que lhes distribuem. O que revolta e provoca é o procedimento caprichoso de criaturas que nada fazendo no sentido de cumprir integralmente a trilogia da democracia que dizem defender, se comprazem em destruir a obra que tantos sacrifícios nos tem custado.

O aumento agora concedido, em vez de ser uma reparação à justiça que assiste a quem a quem atingiu, é apenas uma provocação aos que esqueceu; provocação tanto mais grave quanto é certo ter partido do parlamento que até hoje nada tendo feito que o dignifique e imponha aos que o elegeram, sempre tem contrariado as pretensões do funcionalismo.

O aumento concedido aos funcionários do Congresso deve, e urgentemente, tornar-se extensivo a todos os funcionários. O parlamento, o país e o governo não pode de forma alguma ter castas privilegiadas, nem situações diferentes, por mais engenhosa ou hábil que seja a maneira porque o pretenda fazer. Todos dependem do mesmo patrão e todos tem iguais necessidades; admito que pela maneira como os serviços públicos estão organizados, nem todos tenham direito a receber a mesma importância, pois que, dada a diversidade de serviços, enquanto uns fazem 10 e mais horas diárias, outros fazem apenas 45 ou mesmo nenhuma, como por exemplo sucede com o pessoal menor das escolas primárias infantis, em que a maioria é do sexo feminino, e em que além de tudo, ainda por cima tratam as crianças com menos fidelidade do que seria para desejar e com diversos funcionários superiores dos diversos ministérios, mas dá a deixar passar em silêncio o que agora se fez via uma distância tamanha como da pera do dr. Baltazar Teixeira às suas tão apregoadas e mal feitas economias.

A agitação que se começa a notar entre os serventários do Estado, ameaça levá-los dentro em pouco até junto das instâncias superiores para que estas, dando cumprimento à sua promessa de consencioso radicalismo, coloquem cada um no lugar que de facto lhe pertença.

Não podemos profetizar, conquanto isso não fosse muito difícil, qual o resultado de tais «demarques», mas tudo indica que ele como de costume seja o de que o governo vá estudar o assunto, para depois concluir que o Congresso é autónomo e como tal tem verba própria. Sendo assim, que caminho tomará o funcionalismo? A nosso ver, deve tomar o caminho que de há muito lhe está indicado, mas se o não tomar ao menos que altivamente saiba reprimir uma tal desculpa, pois que o Congresso, embora autónomo, como a maioria das repartições, não tem facilidade em adquirir verba como os Correios, ou os caminhos de ferro de que possa viver, e ainda que a tivesse, nem assim haveria o direito de estabelecer uma situação diferente da que se estabeleceu para as restantes. As precisões da vida são comuns a todos os indivíduos e não só aqueles a quem se convencionou chamar guarda-portal ou qualquer outra coisa parecida ou semelhante. A designação não influi pelo menos até ao presente, nas necessidades do indivíduo, como de resto não influi o seu saber ou a sua competência, pois muito embora o cérebro seja diferente o estômago quasi sempre é igual.

Movimenta-se o funcionalismo e, cónscio da razão que lhe assiste, vai reclamar de quem pode e o deve ouvir, que o faça com critério e tino, pois a situação que acaba de lhe ser criada não pode nem deve continuar. Demasiadas têm sido as vezes que o Parlamento tem feito láboa raza das suas

FERROVIÁRIOS DO MINHO E DOURO

A incompetência da A. G. está provocando um conflito de sérias consequências

afirma-o a «A Batalha» um elemento da classe

O conflito suscitado nos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, pela falta de pagamento do ordenado do mês de Novembro ao pessoal eventual e aos praticantes, que fazem serviço de factores e revisores, está assumindo proporções assustadoras que se agravam com a atitude do administrador geral, Pinto Teixeira, espírito grosseiro e militarista que nos Caminhos de Ferro do Minho e Douro parece querer celebrar-se como o fatídico Raúl Esteves, no Sul e Sueste.

Um movimento surdo vinha tomando incremento e de tal forma ganhou vigor que há dias, no Porto, explodiu violento contra a incúria da referida administração geral.

Até à nossa redacção veio um manifesto do comité de defesa do pessoal onde passava um sópro de indignação e se afirma o propósito de lutar pelo desaparecimento desta enervante situação que a todos prejudica.

Um fortuito, mas feliz encontro com um elemento preponderante na organização sindical do pessoal daquela importante rede ferroviária permitiu-nos conhecer de perto o que se passa no Minho e Douro.

Por ser muito interessante a sua opinião ouvimos o que ele nos disse:

«Os serviços ferroviários do Minho e Douro atravessam neste momento umas das fases mais delicadas da sua existência, em matéria administrativa.

«Confiada a Administração Geral a um incompetente, sem espírito ou orientação administrativa, que as situações políticas guindam às altas culminâncias, inevitavelmente que os seus efeitos dever-se-iam sentir na situação do pessoal menos categorizado.

«De modo que constitui um perigo a permanência desse cavalheiro à frente do Minho e Douro.

«Evidentemente. E não é só a incompetência a principal causa desse perigo. Também a falta de sinceridade exacerbou o divórcio entre o pessoal e a Administração situação que se reflete na própria disciplina do trabalho.

«Calcule que quando da reclamação agitada durante meses pela União Ferroviária e que devia ser concedida desde Julho do ano passado, segundo o artigo 321 do decreto 3.924, o sr. Pinto Teixeira, em resposta a uma recusa, pretextada na melhoria cambial, declarou que uma compensação não seria dada e se conservariam as percentagens que foram concedidas em Março.

«Pois decorridos alguns dias o mesmo senhor dava instruções das quais resultava uma redução de 30 % à percentagem do pessoal eventual.

«Mas como justificou o administrador geral essa atitude?

«Alegou que o duodécimo vinha sendo excedido de há meses em perto de 70 contos por mês, e não queria que persistisse essa situação.

«E nota que com esta medida foi preterir pessoal com nove anos de serviço, e ao abrigo dos art. 399.º e 413.º da Organização».

A «superior» administração

«Ainda poderíamos confiar que essa medida fosse razoável se nos abstrássemos de que no orçamento de 1924-1925 do Serviço de Movimento se indicava a verba de 2.400 contos para o pagamento ao pessoal eventual, que era em 1923 de mil e tantos car-»

reclamações; portanto, a ele mesmo compete agora tratar do assunto e pôr-se ao lado do funcionalismo, e isto para que se não possa dizer que se deixou arrastar consciente ou inconscientemente à cauda de caprichos próprios ou alheios, e ainda para que já agora não possamos assistir ao estranho espectáculo de ver ele mesmo rasgar as leis que a seu talento e vontade tem engendrado. E se o fizer, que ao menos nos permita a liberdade de podermos dizer como Brito Camacho: «... Se os parlamentares são os primeiros a não tomar a sério o seu papel, como podem querer que a sério os tome o país?»

Por nossa parte apenas confiamos numa acção unida e disciplinada do funcionalismo, uma vez que só com ela se pode conseguir aquilo a que têm direito e os políticos cada vez mais temiam em lho conceder, mas curvamo-nos à teimosia dos restantes, aguardando contudo confiadamente a sua desilusão, desilusão que, apesar de tarde, sempre chega; mas, até lá, que se não pare nem se detenhão na liquidação duma situação que nos deprime e nos prejudica, pois com isso todos lucraremos.

PAULO EMILIO

«A Voz do Operário»

Pedem-nos a publicação do seguinte:

A comissão de defesa desta instituição, continúa reunindo diariamente no local do costume, prosseguindo na missão de combater as immoralidades e escândalos cometidos dentro da referida colectividade, para o que tem tomado resoluções de carácter reservado.

Tem esta comissão conhecimento de que os novos corpos gerentes estão novamente a enveredar para o campo da imoralidade administrativa, para o que já reconduziram no cargo de redactor do jornal — lugar de que tinha sido demitido por desmerecimento pela anterior comissão, o sr. José Fernandes Alves, que acumulava três lugares com os respectivos ordenados, não se justificando tal procedimento da actual comissão administrativa.

Para continuar demonstrando os escândalos ali cometidos e defeza da instituição, realizar-se-á na próxima quarta-feira, 14 do corrente, pelas 20 e meia horas, no bairro de Alcantara, uma sessão pública, para a qual a comissão resolveu convidar a assistir à mesma, os srs. Ramada Curto e Ribeiro de Carvalho, por esta comissão de há muito saber de que estes srs. têm defendido a situação escandalosa que novamente se vai verificando a dentro da velha instituição, indo contra a moralidade e saneamento e ainda contra todos os princípios liberais que dizem defender.

regadores e foi com aquele orçamento que lhe foram pagos os vencimentos no ano económico de 1923-1924.

«Pois o sr. Pinto Teixeira entendeu que em 1924-1925 devia fixar em 1.400 contos a verba de orçamento, e se o pensou melhor o executou.

«E como pode a Administração com essa insuficiente verba corresponder ao pagamento do pessoal?

«Duma forma simplista. Reduzindo, como já foi dito, ou vivendo num regime de calote para prestígio do próprio Estado. Cifra-se nisto a competência do administrador.

«Quando à redução do pessoal, devo informá-lo que é tudo quanto há de mais estúpido. Calcule que desde 1910 o tráfego atingiu uma diferença superior de um milhão de passageiros e 171 milhões de quilos de géneros em pequena velocidade.

«Com o desenvolvimento industrial e comercial das localidades servidas pelo Minho e Douro há uma tendência para aumentar o tráfego, que já vai tendo a triste esperança de ser servido como a competência do sr. Pinto Teixeira...

«O serviço de Via e Obras ressentem-se também desta desorganização.

«Há comboios com marchas de 20 quilómetros à hora, e há estações que o número de pessoal braçal é igual ao de 1907, visto os carregadores estarem reduzidos ao número existente naquele ano.

«Contais com elementos para conseguir fazer triunfar as vossas reivindicações?

Na iminência dum movimento

«Se estamos absolutamente senhores da justiça que nos assiste temos elementos suficientes para vencermos em toda a linha.

«O engenheiro Pinto Teixeira não transige, não consente o pagamento ao pessoal desde que exceda o duodécimo a que já me referi.

«Ao ministro do Comércio já o caso foi posto com toda a clareza, e as respostas são sempre de falta de dinheiro.

«O argumento, porém, não colhe, pois não é lógico e humano que a falta de verba apenas seja para este pessoal, quando é certo que se têm feito nomeações de vários funcionários dos quadros com a situação regularizada, e, portanto, com prejuízo da Administração.

«O manifesto do comité de defesa do pessoal é um brado de revolta que parece traduzir o clamor da classe, e por consequência prenúncio do breve eclodir dum movimento...

«Isso, meu amigo, é dos domínios do mesmo comité.

«O estado de espírito do pessoal é muito delicado, como já o provei com a demonstração dos atropelos da administração.

«Se rapidamente ao pessoal eventual e aos praticantes de factores e revisores não for pago o ordenado do mês de Novembro último, é muito possível que os protestos lá pouco feitos junto da Administração Geral, no Porto, tomem vulto e não haja possibilidades de conter a onda que avança ruído.

«E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, a quem o bom senso e a inteligência de há muito vem aconselhando um único caminho...

«E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-nos o que a falta de tempo lhe não permitiu.

Os manipuladores de tabacos ante a extinção do monopólio

Por uma comissão de delegados do pessoal da Régie, do pessoal operário admitido pela companhia depois de 15 de Maio de 1890 e de todo o pessoal não operário de Lisboa e Porto, foi endereçada ao ministro das finanças uma exposição chamandolhe a atenção para disposições que entendem necessárias contra a proposta de lei tendente a extinguir o monopólio, para que os interesses dos operários sejam acatela-

Lembram que, sendo os operários da Régie considerados pessoal do Estado, lhes seja estabelecida reforma, aplicando-se-lhes a diuturnidade de serviço e que lhes seja estabelecido na doença o subsídio de dois terços dos vencimentos nos primeiros trinta dias, e os vencimentos por inteiro depois período em diante, pois quanto mais se prolonga a doença mais aumentam as dificuldades. Lembram também ser necessário que as melhorias concedidas ao pessoal operário e não operário não sofram a mínima lesão.

Pedem que sejam tidos em conta os interesses do pessoal existente quando a manobreira substitua os braços. Há também o pessoal empregado e operário admitido depois de 15 de Maio de 1890, que conta vinte, vinte e cinco, trinta e mais anos de serviço, que não pode ser esquecido porque na idade em que estão não têm facilidade de se adaptarem ao serviço outras indústrias.

Citam ainda o facto de ao pessoal moderno ser dado trabalho mais fácil e mais rendoso, o que consideram contra os interesses do pessoal mais antigo.

Uma sessão magna

Na Associação dos Operários das Fábricas de Fósforos, rua do Açúcar (ao Beato), realiza-se hoje, às 21 horas, uma sessão pública para apreciar a proposta do governo sobre a exploração do negócio dos tabacos e fósforos e a fim de resolver as modificações que devem ser reclamadas para que sejam salvaguardados os interesses e regalias do pessoal.

Usarão da palavra o dr. sr. Herlander Ribeiro, Martins Santareno e delegados do pessoal de fósforos e tabacos.

«LA INTERNACIONAL»

Orgão da Associação Internacional dos Trabalhadores
Preço 1\$50; pelo correio, 2\$30
Pedidos à administração de A Batalha

PELA ORGANIZAÇÃO MOBILIARIA

Importante sessão magna para tratar a crise de trabalho e vitalidade do sindicato

Ante a crise de trabalho que na indústria do mobiliário se faz também sentir, e o abandono a que militantes e não militantes tem votado o Sindicato da Indústria do Mobiliário, este fez distribuir um manifesto, aos militantes e aos operários da indústria em geral, do qual recortamos os seguintes períodos:

«Grave, muito grave é a situação em que se debate o nosso Sindicato. Abandonado por todos, a sua força decrece dia a dia. Pequenas divergências têm afastado da luta activa muitos dos nossos melhores militantes, e a classe, seguindo o exemplo dos seus orientadores, entrega-se ao mais cruel dos indiferentismos. Uns e outros contribuíram para que o nosso organismo chegasse a este estado tão lamentável. A crise faz sentir-se terríveis efeitos, e a burguesia que acompanha com interesse os nossos movimentos, prepara a ofensiva, segura de que não encontrará à sua frente uma força devidamente organizada. De quem é a culpa? De todos.

O momento é de prova. Ou os militantes voltam a ocupar os postos que jamais deviam ter abandonado, ou a classe accorre a prestar o seu concurso a esta obra de resurgimento, ou então, o nosso organismo será um pobre fantasma, que tombará por terra ao menor contratempo. Aqui fica o nosso apelo. A classe tem a palavra.

Se queremos dar combate à crise que nos debilita, se queremos reorganizar o nosso Sindicato, devemos acudir em massa à grande sessão que se realiza na próxima sexta-feira, 9 do corrente, pelas 20,30 horas.

EM COIMBRA

Os industriais de padaria ludibriam o delegado do governo

COIMBRA, 8.—Os industriais de padaria desta cidade foram chamados à «ordem», por causa do preço do pão. Certamente, influência dos comícios realizados ultimamente e onde esse assunto foi tratado com um certo rigor por um manipulador de pão que com números provou estarem os industriais neste momento a ganharem mais do que até aqui.

Mas, seja ou não motivado esse chamado à «ordem», pela influência dos comícios, o que é certo é que eles tiveram de se «arrastar» até junto do delegado do governo, e este em frases ásperas exigiu o pão mais barato.

Mas, o delegado do governo não se preparou para a «estocada» que os padeiros lhe deram, e o pão mais barato foi-se por um óculo...

E querem os leitores saber como se foi por um óculo o pão mais barato, apesar do delegado do governo ter declarado que mandaria prender todos os industriais se eles lhe desobedecessem? «Pela razão simples de que não estavam para perder, pois as farinhas não davam margem a lucros!»

Claro, que o delegado do governo não percebe nada de farinhas nem de pão, e daí foi no embrulho, prontificando-se até a acompanhar uma comissão de industriais ao governador civil para exporem a sua situação, precaríssima, claro está, apesar das grossas fortunas amontoadas e dos preços feitos com o produto do pão que já comemos... e tam barato pagámos.

A princípio da conferência o sr. delegado do governo increpava com violência, queria por força o pão mais barato. Depois «embrulhado» com geito e «confundido» com as respostas, não só se tornou amável, como concordou... e lá foi com os industriais ao governo civil.

Entretanto o povo reclama o pão mais barato, e elementos técnicos da indústria operários manipuladores de pão—provam num comício público que os srs. industriais ganham dinheiro... e bastante. Provam mais que esboçado um falso movimento de barateamento, descendo os pães de 1\$00 para \$90, de \$35 para \$30, e de \$20 para \$18, os industriais ficaram de melhor partido, pois o pão do povo sofreu «corte», a ponto de arrecardarem mais uns 45 a 60 centavos do que até então.

Como os leitores vêm as farinhas não dão margem...

E no entanto elas desceram, de 3\$00 e mais, para 2\$60 o quilo!

Se não fosse esta maldita engrenagem burguesa, que olha os sindicatos operários com medo, não vendo neles os elementos técnicos das indústrias, o assunto ter-se-ia certamente resolvido melhor. No entanto, como no próximo domingo haverá um novo comício onde o assunto será mais uma vez tratado, e por aqueles que de facto o conhecem bem, se o delegado do governo quizer... —C.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Associação dos Caixeiros de Lisboa

Prossigam no próximo domingo, na sede desta colectividade, as festas comemorativas do seu aniversário, sendo o programa deste domingo dedicado a fazer propaganda pela construção do Sanatório dos Empregados no Comércio e consta de:

Conferência, às 14 horas, pelo dr. sr. João Luís Ricardo, seguindo-se-lhe matine em que tomam parte artistas dos teatros: São Luís, Apolo, Maria Vitória, Eden e Escola-Teatro «Araújo Pereira» e concerto pela Banda da Escola Central de Reforma.

Serão de arte, às 21 horas, sob a direcção do amador Manuel Guerra e concerto por um «Jazz-Band» e pela trupe popular «Os Bichinhos».

SOLIDARIEDADE

A comissão do sindicato dos manufactores de calçado que levou a efeito o benefício aos doentes da indústria, pede a camarada que se encarregue da passagem de bilhetes e cuja importância não entregou a fazê-lo com a máxima urgência.

O operariado deve comparecer em massa depois de amanhã no grande comício contra a crise de trabalho, promovido pela U. S. O.



VIDA SINDICAL

U. S. O.

Conselho de Delegados

Reúniu, presidindo o representante dos Encadernadores e secretariado os delegados dos Escritórios e Mobiliários.

O Sindicato dos Operários Municipais acreditou como seus delegados os camaradas José Teodoro e João Rebelo; a Associação dos Cortadores comunica que se designa transitoriamente da U. S. O. em virtude do Sindicato estar passando uma fase de transformação para dar lugar a Associação de Classe dos Trabalhadores das Carnes Verdes, que brevemente dará a sua adesão a este organismo.

Apreciou-se também um ofício da Escola de Representar Araújo Pereira, a qual propõe a organização de espectáculos no teatro «Juvenia», tomando-se em consideração tão interessante alvitre.

Por proposta de Manuel de Figueiredo é nomeada uma comissão composta dos camaradas Manuel Pires, Edmundo Tavares e Mário Domingues, com a incumbência de levar a efeito serões de arte na sede da União e destinados a elevar a cultura do operariado.

Entra-se na ordem dos trabalhos: Extinção dos monopólios dos tabacos e fósforos. Rozendo Viana e Manuel de Figueiredo expõem detalhadamente os trabalhos encetados pela comissão administrativa, com o fim de evitar que os operários das referidas indústrias sejam lesados nos seus interesses.

O Pessoal da Régie e o Extraordinário, após uma entrevista com a comissão administrativa da U. S. O., declararam estar dispostos a aceitar a intervenção da União e apresentaram quais os seus pontos de vista sobre a resolução do assunto.

O Conselho, depois de ter tomado conhecimento das pretensões do referido pessoal, resolve nomear os camaradas Amadeu de Moura e Manuel de Figueiredo para acompanharem o movimento iniciado pelos citados operários.

Para apreciar a resposta dada pelo presidente do ministério e o documento a aprovar no comício de domingo, reúne amanhã, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação dos Empregados no Comércio.—Junta Sul.—Esta Junta, constata a falta de cumprimento das leis do horário de trabalho e descanso semanal em todo o país, e especialmente em Lisboa, irá entrevistar, no sentido de que essas leis decretadas sejam rigorosamente cumpridas, os ministros do Interior, Trabalho e governador civil de Lisboa, demarches estas de acordo com a direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, que enviará os seus esforços até que definitivamente a Comissão de Compilação às Leis Sociais e de Trabalho veja aprovados os novos regulamentos.

A Junta Sul vai também enviar por estes dias a todos os sindicatos federados uma circular, apresentando os seguintes assuntos de capital importância para a classe: liquidar toda a cotização federal em atraso; saber o número de sindicatos por especialidade; quantos existem sem trabalho, e também por especialidade.

A Junta igualmente tomou conhecimento da existência em Alcobaca de um Núcleo de Empregados no Comércio, tendo-lhe já oficiado para se federar.

Nomeou delegados às festas comemorativas do aniversário do Sindicato de Evora, João Antunes Canastra e Manuel Lampreia.

Manufactores de Calçado.—Reúniu a classe em assembleia geral, que entre outros assuntos nomeou para a comissão administrativa: João Antunes Rodrigues, Jaime de Assunção Vasco, Belmiro Simões, Jaime de Oliveira Castro, Torcato Gonçalves; assembleia geral—Jerónimo de Sousa e Francisco António; delegados à Federação, Manuel Joaquim de Sousa e António Martins; à U. S. O., Rozendo José Viana e Francisco Duarte Moura.

Pessoal de Rebocadores e Gazolinhas.—A assembleia elegeu: Direcção—Presidente, António Gonçalves Cravo; secretários, António Lopes Pinto e João Rodrigues; vogal, José Mateus Tomás de Aquino; tesoureiro, Carlos Alves do Rio. —Conselho Fiscal.—Presidente, António Salvação; secretários, António Ferreira da Conceição e José Faroleiro; vogal, António Valador. —Assembleia Geral.—Presidente, José António Joaquim Cordeiro; secretários, José de Oliveira Escadinhas e Manuel Torres. —Comissão de Melhoramentos.—Presidente, João Dias; secretários, Manuel Santa Rita e Alfredo Videira; vogal, Artur Cabinda.

S. U. da Construção Civil.—Secção profissional dos Canteiros.—A assembleia geral elegeu para os corpos gerentes de 1925: António Pereira e José Victor, secretários; Joaquim Carvalho, tesoureiro; António Leitão e Julio Batata, vogais. Conselho de secções: Carlos Ribeiro e Amadeu da Silva Santos. Comissão de cultura e propaganda—Daniel Francisco e Carlos Coelho. Conselho técnico: José Garcia, Agostinho Capitão e Alfredo Lopes. Secção da Bóia: Joaquim Martins. Comité da sede: Manuel dos Reis e José Fonseca. Assembleia geral: Eduardo da Silva e Abílio Alves dos Santos.

S. U. Mobiliário.—Para apreciar a precária situação porque está passando este organismo, reúne hoje, pelas 20,30 horas, em sessão magna, todos os operários da indústria.

Oficiais da Marinha Mercante.—Conselho técnico.—Tomaram posse os novos membros que são: J. Henrique Moraes, secretário; dr. A. Gonçalves Salvador, relator; Guidão António Avelino, Augusto Mário da Conceição e J. Mantas Massano.

Sindicato Unico da Construção Civil.—Secção do Alto de Pina.—Reúniu em assembleia geral para nomeação de novos corpos gerentes ficando eleitos: Alvaro da Silva, Carlos Ferreira Baptista, Carlos dos Santos, Mário da Silva e António Alves, delegado ao conselho de secções, Júlio Rodrigues de Carvalho; ao conselho técnico, Bento Pereira, António Pedro e Inácio Mendes; para a comissão revisora de contas, Alvaro da Silva, Carlos dos Santos e Mário da Silva.

Foi apreciada a conduta de João Francisco Júnior perante a organização, sendo aprovada uma proposta que determina a sua ir-

radiação e para que nesse sentido se oficie ao sindicato e se publique esta resolução na *Batalha* para que a organização operária deste facto tenha conhecimento. Mais foi resolvido que a comissão administrativa auxilie com todas as suas posses a Universidade Popular Portuguesa para que esta tenha em funcionamento a sua secção neste organismo.

Secção de Palma.—Reúniu em assembleia geral, sendo eleitos para os corpos gerentes: comissão administrativa, Quirino Fernandes e Manuel Francisco Silva, secretários; Manuel Patrão, tesoureiro; José Ferreira e Domingos Manuel Silva, vogais; conselho técnico, Luís Gonzaga e José Maria da Silva; conselho de secções, José dos Santos e António Manuel Vinhais; comissão revisora de contas, Domingos Manuel Silva, Manuel Francisco Silva e José Ferreira.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação do Livro e do Jornal.—O Secretariado às 21 horas.

Federação da Construção Civil.—Secretariado de Relações Internacionais.—Pelas 20 horas.

Descarregadores do Porto de Lisboa.—Às 20 horas, a assembleia geral, para eleição dos corpos gerentes para o corrente ano e apreciar diversos assuntos.

S. U. Construção Civil.—Secção Profissional dos Pedreiros.—As comissões administrativa e revisora de contas, às 21 horas.

Manufactores de Calçado.—Pelas 21 horas, a comissão que levou a efeito a festa em favor dos doentes da classe, para ultimar os seus trabalhos.

Maquinistas de Marinha Mercante.—A assembleia geral, pelas 17,30 horas, para resolução final sobre o delegado; eleição e aumento da cota para a manutenção do mesmo.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Às 20 horas, a comissão administrativa.

Secção de Belém.—Às 20,30, na sede da secção, os camaradas eleitos na última assembleia geral, a fim de tomarem posse.

Impressores Tipográficos.—A direcção e cobrador, às 21 horas.

Conferência Inter-sindical Gráfica.—A comissão iniciadora dos trabalhos resultantes desta Conferência, às 20,30 horas.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

S. U. dos Fogueiros de Mar e Terra.—A comissão nomeada na assembleia realizada em 31 p. p., para revêr a escrita do sindicato, é convidada a reunir amanhã, às 18 horas.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Federação dos Trabalhadores Rurais.—Comissão Administrativa.—Reúniu em 6 do corrente para tratar de vários assuntos de interesse sindical. Apreciou vári expediente, a que resolveu dar o necessário despacho; registou a adesão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Borba à Federação Rural e C. G. T., apreciou o estado financeiro da Federação, a fim de verificar se pode continuar com a *tournee* de propaganda, constatando haver muitos sindicatos em débito com a Federação, resolveu lembrar aos mesmos que os satisficam o mais breve possível, para a Federação poder desenvolver a propaganda, tam necessária no meio dos trabalhadores de campo.

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Para tratar da propaganda anti-militarista a desenvolver, reúne hoje, com a comissão administrativa, os delegados das Secções, pelas 21 horas.

Reúne à mesma hora a comissão organizadora da Conferência Juvenil.

Secção dos Empregados no Comércio.—Os jovens empregados no comércio, nos filiais, devem comparecer hoje, às 21 horas, na sede do Núcleo.

Reúne hoje a comissão reorganizadora.

Secção do Beato e Olivais.—Reúne amanhã, a comissão executiva.

A comissão de propaganda foi incumbida de levar a efeito uma velada social no dia 1 de Fevereiro, cujo produto reverte em benefício dos presos sociais.

Secção Mobiliária.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão executiva.

Núcleo de Almada.—A convite da comissão reorganizadora realiza-se hoje, pelas 18 horas, uma assembleia magna para tratar de assuntos de grande importância para o Núcleo e para toda a organização operária, com a assistência dum delegado da Federação Juvenil para elucidação de alguns assuntos.

Núcleo do Porto.—Secção dos E. C. R. e Hotéis.—Realiza hoje, pelas 14 horas, uma sessão de propaganda sindical, na qual fará uso da palavra um militante da organização juvenil, ficando por este meio convidada a classe em geral e mocidade desta